

suplemento
dominical

de poesia de mesa e de mesa de ab. —
Museu de Arte Moderna

EXPERIÊNCIA

Amílcar de Castro

Aluísio Carvão

Ferreira Gullar

Lygia Clark

Lygia Pape

Reynaldo Jardim

Spanudis

Osmar Dillon

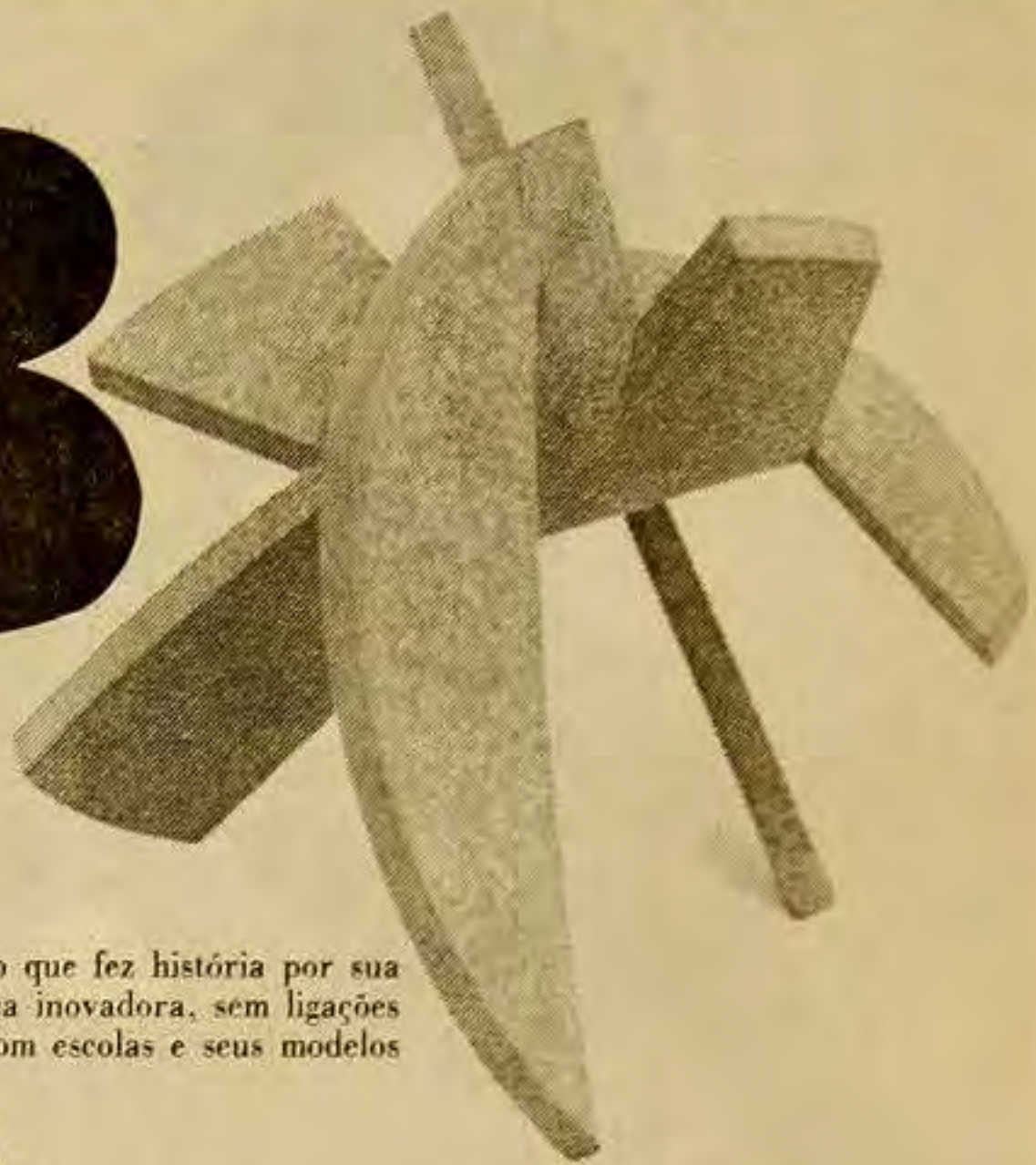
Thom Spanudis

1959

NEOCONCRETA

caderno

B



Um grupo que fez história por sua rebeldia, força inovadora, sem ligações com escolas e seus modelos

25 ANOS DEPOIS, O NEOCONCRETISMO REVISITADO

SERÁ um pouco como uma festa de reencontro de antigos alunos de um mesmo colégio. Fotos, depoimentos, as marcas concretas da passagem de cada um pela trilha comum. A exposição que a Galeria de Arte do Banerj, na Avenida Atlântica, 4066, inaugura quarta-feira reúne os principais participantes de um grupo que fez história por sua rebeldia, capacidade contestatória, preciosa junção de valores individuais. Um grupo, portanto, que não tem muita relação com escolas e com a rigidez dos modelos por elas impostos. Amílcar de Castro, Aluísio Carvão, Reynaldo Jardim, Lygia Clark, Lygia Pape, Ferreira Gullar, Hélio Oiticica, entre outros. Há 25 anos, em março de 1959, eles assinavam o Manifesto Neoconcreto. Publicado no Suplemento Dominical do JORNAL DO BRASIL.

Em meados da década, as artes plásticas brasileiras já tinham assimilado os ensinamentos da Escola de Ulm, disseminados a partir, principalmente, da Bienal de São Paulo de 1951. Mais do que isso. Na capital paulista, havia artistas concretos que se permitiam ao luxo de serem ortodoxos. No Rio, uma arte concreta mais aberta, menos rigorosa, geométrica, sim, mas admitindo certo lirismo, ensaiava a dissidência que se cristalizaria no manifesto.

A exposição *Neoconcretismo/1959-1961* abre um ciclo que pretende se dedicar a movimentos e tendências em arte surgidos no Rio de Janeiro. Preocupado com o fato do Rio, capital cultural do país, nunca "se pensar como região, mas sempre em termos dos problemas do Brasil", o crítico e coordenador cultural da Galeria de Arte do Banerj, Frederico Morais, resolveu empreender o que ele considera um necessário resgate. Como ponto de partida escolheu o movimento neo-concreto.

Foi possivelmente o momento mais brilhante das artes plásticas do Rio — explica Morais. — Mexeu com a cor, o processo da poesia, teve desdobramentos no balé e na diagramação de um jornal. Gerou uma teoria própria brasileira, sediada aqui, aplicada aqui mesmo.

Na Galeria, estarão expostas cerca de 50 obras da época, entre pinturas, esculturas, objetos, livros-poemas e relevos. E inúmeras xerox do Suplemento Dominical, do JORNAL DO BRASIL, ponta de lança do movimento. Para comentar esse período da história recente, freqüentemente esquecido pelo grande público, um pequeno catálogo, com fotos e

dois textos. Um, do crítico Wilson Coutinho. O outro, de Ferreira Gullar, o redator do manifesto.

Quem teve em mãos os primeiros números do Suplemento Dominical do JORNAL DO BRASIL, no final dos anos 50, certamente se surpreendeu. Na diagramação, a cargo do escultor mineiro Amílcar de Castro, transparecia uma maneira de se pensar o espaço ousada o suficiente para provocar reações, bonita o suficiente para ser admirada até no exterior, por jornais que reconheciam estar ali o caminho do novo. Em suas páginas, havia movimento contínuo. Por elas circulavam idéias, rebatiam-se as acirradas críticas que São Paulo prodigalizava aos neoconcretistas. Lourival Gomes Machado, do Estado de São Paulo, por exemplo, achava que o neoconcretismo simplesmente "não dava". Havia quem lhe fizesse eco.

— Escrevi que o tachismo era a dissolução de tudo — conta Ferreira Gullar. — Que uma arte em que não se distinguia o que era feito por um japonês do que era feito por um americano, era o "esperanto de uma palavra só". Uma monotonia profunda. Achava que a arte pode ter elementos internacionais, mas tem que ter também características nacionais dissolvidas neles.

Os neoconcretistas resistiram ao tachismo. E não se poderia esperar nada diferente deles.

— O movimento acabou por criar uma teoria de arte moderna. E expressões que se anteciparam ao que ia ser feito mais tarde — conta Gullar. — como a ruptura dos limites que separavam os gêneros (pintura diferente de escultura, palavra diferente de forma).

Desde 1954 Lygia Clark buscava a linha do corpo, a organicidade da obra de arte. Desde seus primeiros poemas, Ferreira Gullar visava à exploração do espaço em branco, a noção de que página e poema formam uma estrutura só. Os caminhos de Clark e Gullar acabaram se encontrando no manifesto neoconcreto.

— As formas variaram, as coisas aparentemente não têm nada a ver uma com a outra, mas a linha de pensamento guarda uma continuidade — explica Lygia Clark, 62 anos, fama consolidada e uma exploração importante da arte sensorial na bagagem. — O conceito é o mesmo. Com o nosso grupo aconteceu como normalmente acontece com grupos. Há o momento do encontro, depois a dissolução, cada um na direção de uma linguagem mais própria.

Cerca de oito anos após a criação dos "espaços" do Suplemento Dominical, o escultor Amílcar de Castro foi para os Estados Unidos com um prêmio da Fundação Guggenheim (concedido pela primeira vez a um escultor brasileiro). De volta ao Brasil, continuou imprimindo as suas obras o que chama de "o mesmo modo de pensar".

— Estou fundando uma escola em Contagem (Minas) — adianta Amílcar. — E ela vai ter esse mesmo caráter de exploração, de tentativa de expressão da emoção, independente de qualquer escola ou ismo. — Nossa arte é um pouco como o nosso futebol. Não pode ter ismo. Quando tem, perde campeonato.

Uma antropofagia legítima. Assim Ferreira Gullar gosta de definir o neoconcretismo, um momento de sua arte que o impeliu a experiências extremadas. Os livros-poemas, cujas páginas tinham que ser cortadas e recortadas para formar a estrutura poética. Ou o poema subterrâneo, criado graças à iniciativa do artista Hélio Oiticica. No terreno da casa que dividia com o pai, Oiticica construiu uma sala de dois por dois metros, à qual se chegava descendo uma escada. No centro da sala, mantida na penumbra, ficava um cubo vermelho. Levantado o cubo, havia outro cubo verde. Levantado ainda este cubo, havia um outro branco, maciço. Numa das faces, a palavra "rejuvenesça".

— O movimento foi como uma transfusão de sangue. Que só pode se dar se os sangues combinarem. Se não, envenena.

A definição é ainda de Ferreira Gullar, um dos poetas neoconcretos, juntamente com Reynaldo Jardim, Forte de Almeida, Spanudis e Osmar Dillon. Redescoberto a partir de 1968, quando uma nova geração de artistas — entre eles Rubem Gerschman — percebeu afinidades com o movimento de 1969, o neoconcretismo passou então a ser plenamente aceito. Na Europa, já se exploravam caminhos semelhantes aos apontados no final da década de 50.

É essa a história que a exposição da Galeria de Arte Banerj vai mostrar. Soprando a poeira de velhos retratos. Ancorando a arte carioca em passadas conquistas.